

Revista *A Semana Ilustrada*: vislumbres de uma *Belle-Époque* em Belém do Pará¹

Leonardo Santana dos Santos RODRIGUES²
Netília Silva dos Anjos SEIXAS³
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

A imprensa ilustrada no Pará desenvolveu-se com certo atraso, por volta da década de 1870, mas deixou alguns exemplos expressivos, como a revista satírica *A Semana Ilustrada* (1887-1888), objeto deste artigo. Criticando os costumes e a administração pública, apontando o pedantismo de círculos literários, o periódico é um importante registro das transformações culturais e urbanas por que Belém passou na virada do século XIX e XX, empenhada a modernizar-se. Neste artigo, analisamos a revista sob esse pano de fundo, expondo suas impressões sobre a sociedade e a imprensa, e observamos aspectos de sua configuração gráfica, editorial e administrativa. O *corpus* da pesquisa é formado por 50 edições de *A Semana Ilustrada*, referentes aos anos I e II, disponíveis na Coleção Vicente Salles do Museu da Universidade Federal do Pará.

Palavras-chave: História da mídia impressa; Revista satírica; *Belle-Époque*; Século XIX.

Introdução

Entre 1870 e 1912, a Amazônia vivenciou o que ficou conhecido como o ciclo da borracha (SARGES, 2010), período no qual se tornou a principal exportadora de látex e suas principais cidades, Belém e Manaus, enriquecidas com essa produção, passaram por grandes transformações urbanísticas, buscando modernizar-se e equiparar-se com cidades europeias, tidas como modelos de civilidade e progresso.

Na capital paraense, o auge dessa Era é comumente associado à administração do intendente Antônio Lemos (1897-1912), que promoveu diversas reformas sanitárias

¹Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia.

² Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará e bolsista PIBIC do Programa Especial de Apoio a Projetos de Pesquisa – Acervos da UFPA (PE-Acervos), Edital 04/2015. E-mail: leonardosarodrigues@gmail.com.

³ Orientadora do Trabalho. Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação, Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, coordenadora do projeto de pesquisa “A Trajetória da Imprensa no Pará: do impresso à internet” e líder do grupo de pesquisa História da Mídia na Amazônia (Mídiam), certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: netilia@uol.com.br.

e estéticas na cidade, como a criação de praças, alargamentos de avenidas, arborização, entre outros (FIGUEIREDO, 2010, p. 73).

Publicada na década de 1880, situando-se, portanto, na transição entre o começo e o auge da “Era da Borracha”, a revista satírica *A Semana Illustrada* (1887-1888) nos oferece uma visão particular sobre as transformações por que Belém estava passando e nos permite lançar um olhar para a sociabilidade e os costumes da época. Outro ponto que se destaca em *A Semana Illustrada* é o uso das imagens, tanto para o humor quanto para o registro de acontecimentos locais, fornecendo um registro visual da cidade.

O *corpus* desta pesquisa é formado por 50 edições da primeira fase da revista *A Semana Illustrada*, 27 correspondentes ao primeiro ano, publicadas entre julho e dezembro de 1887, e 23 referentes ao segundo ano, entre janeiro e julho de 1888. Todas as edições podem ser encontradas na Coleção Vicente Salles, pertencente ao Museu da Universidade Federal do Pará, em versão impressa e digital.

Uma brincadeira levada a sério

A primeira edição da revista *A Semana Illustrada* foi lançada em 04 de julho de 1887, impressa na tipografia “Livro do Povo”. Conforme nos conta o historiador Vicente Salles, a publicação foi levada a cabo pelo artista pernambucano Crispim do Amaral, que assinou as ilustrações usando o pseudônimo “Puck” e alguns textos, também com pseudônimos (SALLES, 1992, p. 12).

Não era a primeira vez que Crispim tentava lançar um empreendimento do tipo. Quase uma década antes, em 1879, havia publicado a revista satírica *O Estafeta*, com apenas duas edições (SALLES, 1992a, p. 12). De muitos talentos – era desenhista, cenógrafo, pintor, músico, jornalista –, o artista se mudou para Belém em 1876 e iniciou a carreira como caricaturista na oficina do alemão Carlos Wiegandt (SALLES, 1992a, p. 12), criador da primeira oficina litográfica em Belém, em 1871 (SALLES, 1992, p. 12).

Foi justamente nesse período, década de 1870, que os jornais caricatos começaram a surgir no Pará – com algumas décadas de atraso em relação a outros estados –, favorecendo-se da proliferação dos pasquins e da instalação das primeiras litografias (SALLES, 1992b, p. 12).

Antes disso havia tentativas de expressão caricatural, em folhas noticiosas, ou mesmo em pasquins, por meio de raríssimas xilogravuras. Tais desenhos, em madeira, não chegam contudo a exprimir o caricare, constituindo toscas tentativas de figurações. (SALLES, 1992b, p. 13).

Por sua estabilidade e duração, *A Semana Illustrada* foi uma das revistas satíricas mais destacadas da imprensa paraense, engajando-se em questões sociais, políticas e na campanha abolicionista, e teve duas fases.

A primeira, quando circula com o título original *A Semana Illustrada*, publicando 27 números no I ano e 23 no II, totalizando portanto 50 exemplares; a segunda fase, mais estável, título encurtado *A Semana*, totalizou apenas 16 exemplares, embora melhor impressos (litografia de Archibald Campbell) e com vários colaboradores. Na primeira fase foi publicada sob a direção de Puck, que outro não era senão Crispim do Amaral, associado ao seu irmão Manuel, que assinava Duck. (SALLES, 1992c, p. 12).

Ao mesmo tempo em que lançou *A Semana Illustrada*, Crispim do Amaral trabalhou com o pintor italiano Domenico De Angelis nas obras do Theatro da Paz, sendo responsável pela confecção do seu pano de boca (SALLES, 1992d, p. 12). Posteriormente, Crispim conseguiu uma bolsa de estudos na Academia de São Lucas, em Roma, e fixou-se no Rio de Janeiro, onde lançou em 1902 a revista *O Malho*, de considerável sucesso.

Da primeira até a última edição, *A Semana Illustrada* passou por poucas alterações editoriais. Tinha oito páginas e duas colunas, sendo que a capa, a contracapa e as páginas centrais eram destinadas às ilustrações, e o restante, aos textos, uma configuração imposta pelas limitações nas técnicas de impressão, que combinava a litografia e tipografia, conforme o padrão gráfico da revista carioca *Semana Illustrada* (1860-1876), descrito por Joaquim Marçal Andrade:

[o periódico] tinha oito páginas impressas numa só folha: de um lado, a impressão era tipográfica e do outro, litográfica. Após receber duas dobras em cruz e ser refileada, a folha transformava-se num caderno *in quarto*, no qual as páginas 1 (capa), 4 e 5 (páginas centrais, sem interrupções entre uma e outra, o que possibilitava imagens de maiores dimensões) e 8 (quarta capa) continham as ilustrações em litografia). As páginas 2, 3, 6 e 7, impressas pelo processo tipográfico, continham os textos e nestas, às vezes, ocorriam vinhetas xilográficas, montadas com os tipos. (ANDRADE, 2009, p. 53).

É possível supor que o mesmo processo fosse usado em *A Semana Illustrada* porque nas edições 10 e 16 do segundo ano o espaço destinado às imagens e ao texto aparece invertido. Se não houvesse limitações na impressão, os editores poderiam publicar uma página com texto e imagem lado a lado, o que não acontecia. A possibilidade de combinar esses recursos, portanto, era restrita, embora, em alguns momentos, pequenas ilustrações apareçam em meio às colunas, funcionando como marcadores que orientavam o sentido da leitura.

Quanto à parte textual, *A Semana Illustrada* apresentava uma divisão de conteúdos regular e seções recorrentes, abrindo com um editorial, sendo seguido por uma *Chronica*, que poderia ser tanto um comentário político e social quanto uma crônica no sentido como a conhecemos hoje. Nas outras páginas, apareciam mais colunas de comentários, algumas das quais divididas em notas; notas agradecendo convites e o recebimento de presentes, como livros e periódicos de outros estados, mostrando como a revista valorizava a relação com o público; e, por último, a revista terminava com suas *Aparas*, compilado de piadas, provérbios e poemas satíricos.

É importante ressaltar que o tamanho de cada seção variava de acordo com a edição. Quando havia poucos assuntos, aumentava-se o espaço entre as seções, com marcadores dividindo-as, ou, no caso contrário, diminuía-se o tamanho das fontes. Ou seja, o espaço entre as seções aumentava ou diminuía conforme a quantidade de assuntos. Em relação à parte gráfica, a revista mudou de cabeçalho a partir da décima oitava edição do ano I, adquirindo um aspecto mais festivo e traços mais movimentados e dinâmicos.

Inicialmente, *A Semana Illustrada* era publicada às segundas-feiras, mas, após a décima primeira edição do ano I, passou a circular aos domingos. As edições eram vendidas a 200 réis, com planos de assinatura trimestrais para a capital a 3000 réis, e anuais e semestrais para o interior, vendidos a 12000 e 6000 réis, respectivamente. Encontramos poucos anúncios na revista, o que indica que a publicação sobrevivia praticamente da venda nas agências e das assinaturas ou de negócios paralelos, um modelo próximo ao do ilustrador Ângelo Agostini, com a sua *Revista Illustrada*, publicada no Rio de Janeiro entre 1876 e 1898 (MARTINS, 2011, p. 523). Marialva

Barbosa (2010) diz que a arrecadação da revista de Agostini, que não dependia de nenhum grupo nem editava anúncios, não bastava para custear todas as suas despesas.

Como então sobrevive o periódico? O contrato que funda a firma Angelo e Robin, firmada em 1876, explica como isso é possível. A rigor, o que existe é uma casa de litografia “que oferecia todo tipo de serviço pertencente à arte litográfica ou tipográfica, publicando livro e folhetos ilustrados”. (BARBOSA, 2010, p. 100).

Como mostram os anúncios da revista paraense *A Semana Illustrada*, os negócios da publicação estavam se expandindo e se diversificando, talvez como forma de custear a própria revista, mas também atendendo a uma população que começava a depender cada vez mais dos serviços da imprensa, pois, de acordo com Rafael Cardoso, “à medida que o Brasil imperial ganhava estabilidade política e prosperidade econômica, sua Corte crescia e se diversificava, aumentando a demanda dos impressos de todas as espécies” (CARDOSO, 2009, p. 69).

A maioria dos anúncios em *A Semana Illustrada* é sobre a própria revista ou serviços de impressão da sua oficina litográfica, na qual passou a ser impressa a partir da edição de 26 de setembro de 1887. Em um dos anúncios, chamado *Emprego para crenças*, a revista informa que está à procura de vendedores e diz que possui “vendagem fácil”. Em outro momento, somos informados que a oficina litográfica da *Semana Illustrada* presta serviços por “menos do que se obtem actualmente”, prometendo “grande revolução de preços!” (*A Semana Illustrada*, 09 abr. 1888, p. 2).

Na edição de 18 de novembro de 1887, um anúncio ilustrado de página dupla informa que dois gravadores da Europa estavam chegando a Belém para realizar serviços na oficina litográfica d’*A Semana Illustrada*, que imprimia desde letras comerciais até diplomas e registros. O desenho chama atenção porque mostra um pouco das rotinas produtivas da oficina litográfica, da ilustração à impressão. Na página ao lado, também vemos dois ilustradores pintando os galhos de uma árvore, na qual estão apoiados, tornando-se ao mesmo tempo personagens e criadores, criando um mundo que se constrói e se expande a partir de seus pinceis, uma espécie de representação alegórica da imprensa e de seu poder de transformar a realidade.

Figura 1 – Revista *A Semana Illustrada*, 18 de novembro de 1887, ano I, p. 4.



Fonte: Coleção Vicente Salles, Museu da UFPA.

Não seria a última vez que *A Semana Illustrada* compartilharia com os leitores partes de sua rotina de produção, evidenciando uma relação de transparência e mostrando que sabia rir de si própria. “Eis o estado em que depois de tantos dias de suéto, encontro as nossas officinas: uma verdadeira miscellanea. Toca, pois, a arrumar tudo e dar o que fazer á sociedade”, diz a legenda na capa da edição de 18 de junho de 1888, na qual vemos um rolo, quadros e folhas de papel penduradas em um varal, a dar a impressão de bagunça. A personagem que simboliza a revista, sempre acompanhada com uma caneta em tamanho humano, aparece em destaque no centro.

Figura 2 – Revista *A Semana Illustrada*, 18 de junho de 1888, ano II, p. 1.



Fonte: Coleção Vicente Salles, Museu da UFPA.

O que chama atenção na personagem-tipo da revista é que não parece representar um *alter ego* dos criadores ou um símbolo de algum tipo social, mas expressava tão somente os humores dos ilustradores, interagindo com pessoas “reais” e com os acontecimentos retratados na publicação. Algumas das características da personagem, como a roupa e a altura, variavam conforme a edição, mas, no geral, seus traços e corte de cabelo eram os mesmos.

Ao completar dois anos, *A Semana Illustrada* comemora o “interesse com que tem sido recebida pelo publico” e celebra as conquistas do ano passado: “Nenhum periodico, aqui no Pará, nas condições do nosso, deu á lume vinte exemplares; entretanto a *Semana* conta hoje uma colleção e entra em novo período, animada pela opinião publica e amparada pelos nossos dignos assignantes” (*A Semana Illustrada*, 02 jan. 1888, p. 2). No trecho acima, é possível perceber que a revista destaca o esforço e a persistência dos colaboradores, sem se esquecer, é claro, de afagar o público, que permitiram levar o empreendimento adiante.

Ainda que os responsáveis pela revista assumissem que seu objetivo ao criá-la fosse apenas divertir-se, evitando em certos momentos tocar em questões políticas, aos poucos, *A Semana Illustrada* ganhou uma estrutura mais empresarial, sinal de que a “brincadeira” estava sendo levada a sério. Segundo Vicente Salles (1992e), é possível imaginar que a publicação chegou a render até algum lucro a seus proprietários.

Duc, ou Manuel do Amaral, também boêmio, mas de vida menos agitada e aventureira que a de seu irmão Crispim, recebeu deste, ainda em 1887, um jornal consolidado com boa aceitação dos leitores e talvez até com algum lucro financeiro. [...] O sucesso do semanário estimulou a dupla a adquirir oficinas próprias de litografia e de tipografia, que se instalou na Travessa da Indústria nº3. E Crispim mandou vir da Europa 2 gravadores. (SALLES, 1992e, p. 11).

De fato, a publicação chegou a ser vendida em três agências em sua fase mais próspera e, em pouco menos de um ano, conseguiu atingir uma posição de prestígio em Belém. Ao menos é o que informam as notas que a revista divulgava sobre presentes que recebia e convites para participar de eventos, como o do Instituto de Educandos Paraense.

Enfrentando problemas nas edições finais, como atrasos na publicação e defeitos na máquina litográfica, a revista faz comentários sobre as dificuldades de se publicar um jornal caricato no Pará, ao mesmo tempo em que se orgulha de ter conseguido completar um ano:

Já conseguimos, como já o dissemos uma vez, olhar pelas costas o 1º anno de existencia, cousa que nunca conseguiu semanario algum d’este genero, n’esta capital; por isso entramos, encorajados, no 2º, já começando, convictos de que não será tão eivado de abrolhos, como foi aquelle, que, mesmo assim, nunca nos fez arredar um passo do proposito que tinhamos que sustentar um jornal caricato aqui no Pará,

onde escaceam todos os elementos de que necessita uma publicação d'esta. (*A Semana Illustrada*, 11 jun. 1888, p. 3).

No Brasil, as revistas satíricas tornaram-se populares na metade do século XIX, especialmente após o desenvolvimento das técnicas de impressão que facilitaram a publicação de imagens, a baixo custo e com rapidez (CARDOSO, 2009, p. 75). O primeiro jornal caricato do país foi *A Lanterna Mágica*, publicado em 1844, e os expoentes do gênero foram as revistas *A Semana Illustrada* (1860) e *Revista Illustrada* (1876), ambas do Rio de Janeiro, destacando-se pela longevidade e prestígio junto ao público (LUSTOSA, 2009, p. 37).

Entre as décadas de 1881 e 1891, surgiram 281 periódicos em Belém (BRÍGIDA; SEIXAS, 2012, p. 10), números que mostram uma atuação expressiva da imprensa numa cidade que tinha cerca de 50 mil habitantes em 1890 (SARGES, 2010, p. 80). Muitos desses periódicos “desapareciam como meteoros” ou “duravam apenas a vida das flores”, como observa *A Semana Illustrada* em alguns momentos, mas o fato de haver tantas publicações em circulação na cidade na época indica a existência de um público informado.

Barbosa (2010, p. 88) lembra que algumas pessoas realizavam leituras de segunda natureza, isto é, tinham acesso aos conteúdos dos periódicos quando alguém lia as notícias ou as comentava. Barbosa também aponta que era comum várias pessoas lerem o mesmo jornal, fazendo-nos crer que o alcance de algumas publicações ia além do número da tiragem (BARBOSA, 2010, p. 93).

É possível imaginar que o mesmo ocorresse com a revista *A Semana Illustrada*, especialmente por usar imagens, cujo didatismo “contribuía para a imediata absorção do recado numa sociedade – nunca é demais insistir – de baixa escolaridade” (MARTINS, 2011, p. 529), ainda que algumas sátiras só possam ser compreendidas por um público capaz de perceber os sentidos implícitos, o que está diretamente ligado ao seu contexto da produção, como lembra Alain Deligne.

Para ser eficiente, as sátiras não necessitam apenas do talento do artista. Ela depende igualmente de um público que saiba apreciar as agressões maldosas e perceber alusões. A folha satírica, contudo, pouco após sua aparição, desaparece de circulação. E, anos depois,

frequentemente não a compreendemos mais, espontaneamente. (DELIGNE, 2011, p. 36-37).

Ainda assim, tendo em vista as lacunas que a implantação tardia da imprensa no Brasil provocou na educação, Ana Luiza Martins considera que as revistas de caricatura também cumpriram uma função social,

(...) pondo em cena – e com amplo alcance – imagens lúdicas e poderosas que sinalizavam os dramas locais, questionaram os desmandos, derrubaram governos, divulgaram conhecimento, divertiram o público, produziram arte, enfeitaram o cotidiano. (MARTINS, 2011, p. 530).

Características que não faltaram à revista *A Semana Illustrada* em sua curta, porém, significativa trajetória na imprensa paraense, como se verá a seguir.

Coisas do lápis

Em sua primeira edição, publicada no dia 04 de julho de 1887, *A Semana Illustrada* faz algumas considerações sobre a imprensa no Pará e apresenta seu programa ao público, terminando por dizer que traria a “caricatura para melhor criticar os costumes, as gentes e as cousas” e que “um jornal caricato traz desenhada a sociedade no que ella tem de mais interessante” (*A Semana Illustrada*, 04 jul. 1887, p. 2). O que havia de mais interessante em Belém? Ou melhor, o que os editores consideravam interessante?

Não eram raros os momentos em que os cronistas e caricaturistas revelavam ao público falta de inspiração, queixando-se da falta de novidades durante a semana, mas, quando alguma oportunidade surgia, direcionavam sua verve cômica com força. Alguns alvos eram recorrentes, como os irmãos Heliodoro e Paulino de Brito, fundadores da revista literária *Arena*, e o romance *Hortênsia*, do escritor naturalista Marques de Carvalho, que tratava de um caso de incesto entre irmãos e foi publicado como folhetim no jornal *O Comércio do Pará*.

Também se falava de política, mas o assunto não era discutido seriamente, evidenciava-se mais o ridículo de algumas propostas e situações, como os conflitos e conchavos dentro de um mesmo partido, compromisso que a revista deixa claro nesse editorial:

Nós podíamos meter o bedelho na politica, que presentemente fornece uma enxurrada de assumptos; mas... a politica é uma matrona grave e seriosa, se bem que às vezes esqueça a seriedade e descambe para o lado grutesco, e vós todos sabeis que, rapazes como somos, não queremos ainda desprezar a quadra das estroinices e gargalhadas [...] Queremos rir, queremos folgar! Foi essa a razão que nós levou a crear a *Semana*. (*A Semana Illustrada*, 18 set. 1887, p. 2).

Isto não significava que a revista evitasse dar um posicionamento ou não compreendesse seu papel na imprensa, mas procurava manter uma postura de independência, algo subversiva, sem deixar de fazer observações perspicazes sobre a política e a sociedade, como quando diz que “estamos no seculo das luzes, não tem duvida. O que nós cega, porém, é o excesso de luz que se vê por todos os lados” (*A Semana Illustrada*, 27 nov. 1887).

Nesse trecho, a revista parece manifestar um ceticismo quanto às possibilidades que o “século das luzes” poderia oferecer, calcado em um discurso que representava a *Belle Époque* como a “Idade de Outro do Progresso e da Civilização, um estado de construção do sujeito histórico que se realiza universalmente graças às conquistas da ciência, à força dos maquinismos e aos processos civilizacionais mundializados” (COELHO, 2011, p. 145).

Quando se pergunta se na Amazônia realmente houve uma *Belle Époque*, mais do que identificar em que medida a sociedade local absorvia “valores, representações, linguagens e rituais da cultura burguesa europeia” (COELHO, 2011, p. 149), é preciso perceber como a população se sentia parte desse processo civilizador, o que se refletia na forma como os segmentos cultos e letrados se organizavam (COELHO, 2011, p. 149). De acordo com Geraldo Mártires Coelho, na virada do século XIX ao XX, Belém viveu um período de agitação e conviveu

[...] com um mosaico de associações culturais, literomusicais, sociedades literárias, sociedades musicais, agremiações culturais de profissionais do comércio, e mais um bom número de jornais e de revistas nascidos como veículos dessa ação dos escritores locais, alguns dos quais no interior dessas agremiações. (COELHO, 2011, p. 153).

Essa nova sociabilidade era motivo de troça na revista *A Semana Illustrada*, que ironizava com frequência a pretensão e o pedantismo de alguns círculos literários em

Belém: “Olhei para todos os lados à procura dos nossos litteratos e... nickles! Vi apenas umas estrelas opacas. [...] Há entre nós quem se deseja passar por tolo. Tantos literatos em uma terra tão pequena” (*A Semana Illustrada*, 18 jul. 1887, p. 6). *A Semana Illustrada* também aponta a falta de profundidade na cena literária paraense: “Uma revista de critica não precisa de profundos conhecimentos; porque, para ser critico consumado, no Pará, basta saber arranhar um pouquinho” (*A Semana Illustrada*, 05 set. 1887, p. 6).

Por diversas edições, *A Semana Illustrada* dedica-se a ironizar a revista literária *Arena* e os irmãos Heliodoro e Paulino de Brito em charges e textos. Tal empenho parece injustificado, mas evidenciam irreverência e deboche, como em uma charge da edição de 05 de setembro de 1887, na qual o caricaturista representa Heliodoro de Brito como um burro, dizendo que esta era sua verdadeira face e que tudo não passava de “cousas do lápis...”. A legenda faz parecer que o desenho fora algo acidental, como se fugisse ao controle do ilustrador.

A sequência de quadros em algumas ilustrações de página dupla funcionava por vezes como um “caleidoscópio” no qual se viam retratados as mazelas e problemas de Belém, sempre de forma bem-humorada, cobrando ações do poder público e insistindo em temas que já haviam sido tratados em edições anteriores, mas que não repercutiram como desejado. É o caso de um quadro da edição de 29 de agosto de 1887 que aborda o “indiferentismo” quanto ao uso de palmatórias no Colégio do Amparo, o que já havia merecido um texto condenatório na edição de 08 de agosto de 1887.

A variedade de temas nos quadros aparentava não ter coesão entre si, mas, na verdade, oferecia um apanhado de tudo o que de mais importante ocorria na cidade, sem dar tempo para o leitor respirar. Como afirma um cronista da revista, sua missão lhe impunha “o dever de não deixar em silencio, sem registro aqui, todos os actos e factos succedidos semanalmente” (*A Semana Illustrada*, 01 ago. 1887, p. 3), comprometendo-se a manter o público informado, ainda que não considerasse jornalismo o que fizesse: “Eu não almejo o titulo pompeniante de – jornalista – nem tão pouco me considero já personalidade de alevantado gráo” (*A Semana Illustrada*, 18 jul. 1887, p. 6).

Num editorial que aborda o aumento da violência em Belém, *A Semana Illustrada* afirma, com certo exagero, que “Estamos sob o domínio do terror! Ninguém se julga garantido, nem mesmo dentro do seu próprio domicilio” (*A Semana Illustrada*, 20 fev. 1888, p. 2) e se coloca como “interprete de toda população que se acha sobressaltada”, atribuindo à imprensa o papel de expressar os anseios populares, terminando por reconhecer que “somos um dos órgãos da imprensa paraense e cumprimos, por nossa vez, o dever que temos de patrocinar a causa publica” (*A Semana Illustrada*, 20 fev. 1888, p. 3).

A revista promete revelar até mesmo o que outros jornais prefeririam esconder, como um atentado, sem especificar de que natureza, contra alunas de um colégio público. Para o historiador Aldrin Figueiredo a função de expor e denunciar escândalos como esse é uma das características dos periódicos da época.

[...] os jornais de cunho mais noticioso tiveram, durante todo o século XIX, um papel na defesa da legalidade e da ordem civil, denunciando desde os escândalos na administração pública até atrocidades corriqueiras que existiam no domínio privado das famílias, em situações que envolviam tanto ricos como pobres, escravos ou homens livres, fosse na capital ou na região do interior da província. (FIGUEIREDO, 2005, p. 260).

Quando a imprensa é representada nas charges, aparece personificada no corpo de uma mulher, à semelhança das representações da República, segurando o escudo da verdade e com uma estrela pairando sobre a cabeça, sendo qualificada como “titan da ideia”, “facho brandido pela civilização” e “filha de Gutenberg”.

Para mostrar a qualidade da impressão de sua oficina litográfica, *A Semana Illustrada* publicou na contracapa da edição de 21 de novembro de 1887 uma cópia do quadro *A Oração*, do pintor francês Jean André Rixens. A escolha dessa obra não pode ter sido feita ao acaso, indica, ao menos, a popularidade do artista em Belém, já que, se o público não o conhecesse, não poderia comparar a pintura original com a cópia e o anúncio não teria tido o efeito desejado. Revela também a influência da cultura francesa na cidade, uma das marcas da *Belle Époque*.

Influência que se manifestava não sob a forma de um mimetismo imediato e imediatista, como aponta Geraldo Mártires Coelho (2011, p. 147), mas que foi se

estendendo aos poucos, a partir da segunda metade do século XIX, ao passo que “elementos e valores das formas antigas da cultura lusitana, tratando-se de uma representação de suas elites comerciais, começava a desmanchar” (COELHO, 2011, p. 148).

Pelo que se pode inferir das páginas da revista, Belém ainda estava longe de reivindicar para si o título de “Paris n’América”. O sistema sanitário da cidade era precário, as ruas eram enlameadas e sujas e doenças como a varíola e o beribéri se espalhavam. Elementos que forneciam material farto para as charges de *A Semana Illustrada*. A Junta de Higiene da Intendência, por exemplo, é apresentada como uma mulher que vive dormindo, alheia aos problemas da cidade, no melhor estilo “rindo se castigam os costumes”, máxima que a revista parecia cumprir à risca.

Enquanto algumas charges faziam críticas diretas à administração municipal, outras abordavam aspectos triviais, como em uma da edição de 19 de abril de 1888, na qual o cartunista representa com bom-humor as variações do clima da cidade, que alternava momentos de calor infernal e chuvas fortes, deixando as ruas enlameadas e alagadas, revelando uma cidade que ainda engatinhava em direção à tão sonhada modernidade.

Considerações finais

Somando suas duas fases, *A Semana Illustrada* conta com 66 edições disponíveis para consulta, representando um dos poucos, e mais completos, exemplos de revistas satíricas paraenses do período imperial que chegaram até nós. A coleção Vicente Salles, do Museu da UFPA, por exemplo, possui outras revistas do gênero – a mais antiga é de 1875 –, mas a maioria é de período mais recente ou cuja coleção é de edições avulsas, o que impossibilita uma análise mais detalhada e consistente de seus discursos. *A Semana Illustrada* constitui, portanto, um rico objeto de estudo.

Neste artigo, delineamos aspectos relacionados à configuração gráfica e editorial da revista e buscamos captar suas percepções acerca da imprensa, da sociedade e da cultura locais, em um contexto marcado pela *Belle Époque* e pelo ciclo do látex na

Amazônia. Para tanto, deixamos de lado questões como o comércio, a religião e a abolição da escravatura, que merecem uma análise à parte.

Pudemos perceber que *A Semana Illustrada* não se deixava levar pelo deslumbramento como o “século das luzes” e adotava uma postura provocativa e não conformista, valendo-se de uma linguagem irônica que não se furtava a expor o ridículo e as contradições da sociedade, com o propósito de divertir e distrair o público. Ainda assim, não deixava de reproduzir, em certos momentos, os discursos de civilização e progresso correntes na época.

A Semana Illustrada constrói uma imagem de si em que busca servir ao público e se coloca ao seu lado, assumindo uma postura de independência e o compromisso em vigiar a administração pública e denunciar desvios, dando visibilidade ao que se queria manter escondido. Assim, pudemos perceber, a partir da revista, como valores associados à atividade jornalística foram se construindo e sendo cultivados em uma das imprensas mais antigas do país, cujo primeiro jornal, *O Paraense*, data de 1822 (SEIXAS, 2017, p. 101), mas ainda relativamente jovem se comparada com o contexto europeu.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. Processos de reprodução e impressão no Brasil, 1808-1930. In: CARDOSO, Rafael (Org.). **Impresso no Brasil, 1808-1930**: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009, p.45-65.

BARBOSA, Marialva. Os jornais e o mundo dos escravos. In: _____. **História cultural da imprensa**: Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p.79-115.

BRÍGIDA, Jessé Andrade Santa; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Os jornais paraenses nas décadas das mudanças. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: UNIFOR, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0367-1.pdf>>. Acesso em: 18 de abril de 2017.

CARDOSO, Rafael. Origens do projeto gráfico no Brasil. In: _____. **Impresso no Brasil, 1808-1930**: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009, p.67-85.

COELHO, G. M.. Na Belém da belle époque da borracha (1890-1010): dirigindo os olhares. **Escritos** (Fundação Casa de Rui Barbosa), Rio de Janeiro, v. 5, p. 141-168, 2011.

DELIGNE, Alain. De que maneira o riso pode ser considerado subversivo? In: LUSTOSA, Isabel (Org.). **Imprensa, humor e caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 29-46.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Moura de. Páginas antigas: uma introdução à leitura dos jornais paraenses, 1822-1922. **Margens** (UFPA), Abaetetuba, PA, v. 2, n. 3, p. 245-266, 2005.

_____. Quimera amazônica: arte, mecenato e colecionismo em Belém do Pará, 1890-1910. **Clio**. Série História do Nordeste (UFPE), Recife, v. 28, p. 71-93, 2010.

LUSTOSA, Isabel. Imprensa e impressos brasileiros: do surgimento à modernidade. In: CARDOSO, Rafael (Org.). **Impresso no Brasil, 1808-1930**: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009, p. 29-43.

MARTINS, Ana Luiza. Desenho, letra e humor: estereótipos na caricatura do império. In: LUSTOSA, Isabel (Org.). **Imprensa, humor e caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 519-534.

SARGES, Maria de Nazaré. Belém: origens do núcleo urbano. In: _____. **Belém**: riquezas produzindo a Belle Époque (1970-1912), Belém: Editora Paka-Tatu, 2010, p. 61-87.

SALLES, Vicente. O legado de Carlos Wiegandt. **A Província do Pará**. Belém, 26 e 27 de julho 1992a, 2º caderno, p.12.

_____. Pasquinadas Paraenses. **A Província do Pará**. Belém, 16 e 17 de agosto de 1992b, 2º caderno, p.12

_____. Ainda Crispim do Amaral. **A Província do Pará**. Belém, 01 e 02 de novembro de 1992c, 2º caderno, p.12.

_____. Crispim do Amaral por ele mesmo. **A Província do Pará**. Belém, 16 de novembro de 1992d, 2º caderno, p.02.

_____. Manuel, irmão de Crispim. **A Província do Pará**. Belém, 20 e 21 de setembro de 1992e, 2º caderno, p.13.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Política, justiça e mídia impressa no Pará: disputa de sentidos. In: COLARES, Virgínia. (Org.). **Linguagem e direito**: caminhos para Linguística Forense – uma homenagem a Malcolm Coulthard. São Paulo: Cortez Editora, 2017, p. 99-126.

_____. A Trajetória da Imprensa no Pará: do impresso à internet. Projeto de pesquisa em andamento. Belém: UFPA, 2016.